



VEREADOR DR. GOULART (PTB) – Comunicação de Líder: Sr. Presidente, Srs. Vereadores e Sras. Vereadoras, hoje que a bancada do PTB teve outro compromisso maior, deu para imitar a Sofia, vou falar em todos os momentos possíveis, já que o partido permite, porque está aqui o exército de um homem só. Não de um só um homem; um homem só é mentira porque eu tenho a minha mulher e o meu filho aqui junto comigo sempre e os amigos, que me deram um abraço depois do discurso do OP que eu fiz e me deixaram muito

lisonjeado.

Meus queridos, queria agradecer, de maneira formal, à minha querida colega Karenzinha, do PSOL, que me permitiu este momento de Comunicação de Líder, de cinco minutos, mas que foi transferido, *a posteriori*, por causa da importância do fato que temos para falar e porque hoje nós estamos com pouca audiência e precisamos fazer a modelação de um problema importante na saúde. Então nós estamos falando, neste momento, Presidente, em liderança. Eu já gastei um minuto e meio, devo ter mais uns quatro.

Queridos, hoje eu falo a respeito da doença de Parkinson, aquela doença que faz com que a gente trema desse jeito, assim como eu estou tremendo aqui e agora. Hoje é o dia da doença de Parkinson. Parkinson é o nome do homem que descreveu essa doença, um neurologista. A doença de Parkinson permitiu que eu escrevesse esse texto a quatro mãos, com a Silvia do Canto, nossa querida jornalista, que também é portadora da doença de Parkinson, como eu. A doença de Parkinson é uma patologia estigmatizada, excludente e de difícil aceitação na sociedade. Não muito incomum, o diagnóstico da doença de Parkinson é recebido por quem tem como uma sentença de morte, mas não só essa morte física para onde todos nós caminhamos, mas estou falando da morte civil. Esta doença nos faz romper relações sociais em nome da vergonha e da insegurança que temos ao nos expor com os sintomas da doença, muito especialmente o tremor. A morte civil nos impede de uma simples caminhada no entorno de nossa casa. Passivamente substituímos a rua pela tela da televisão, numa relação totalmente passional, diga-se de passagem, em que muitos de nós não conseguimos sequer acionar o botão da televisão; o controle remoto muito menos. Para além dos problemas motores, o nosso sofrimento psíquico está inspirado e amparado em um tripé: abandono, abandono e abandono. As decisões familiares, quando esses conseguem conosco conviver, em sua maioria são por

um cuidador ou a quatro paredes, numa casa também abandonada, ou numa clínica geriátrica. Com o devido respeito a todas essas opções, carinho e consolo podemos continuar oferecendo, mesmo estando o doente próximo ou não de nós. Ainda que associada à imagem de um idoso com tremores, a doença de Parkinson já começa a se manifestar na camada mais jovem da população. Lembrem todos vocês aquele filme De Volta para o Futuro, onde aquele menino que dirige o carro tem doença de Parkinson, que começou com 29 anos. Lembrem isso, vereadores. Lembro vocês que nós tivemos também o Paulo José com doença de Parkinson, marido da Dina Sfat; temos o Djavan, nosso cantor querido de Samurai; Katharine Repburn, que foi a mulher que mais ganhou, sem saber, óscares em todos os tempos do prêmio Oscar. Logo mais, vai ser falado sobre o câncer, pelo meu querido colega Nelcir Tessaro, mas com a doença de Parkinson vamos lembrar de João Paulo II – Karol Wojtyła –, que portava esta doença. E mais, ele foi canonizado, recentemente, santo da Igreja Católica, São Karol Wojtyła, São João Paulo II, por ter curado dois doentes portadores Parkinson, que tiveram fé nas suas explicações do mundo e conseguiram resolver o problema da doença de Parkinson e levar à santidade comprovada o nosso Karol Wojtyła.

Nós temos Parkinson, este vereador que vos fala, que, a despeito de ter a doença, procura continuar atuante na sociedade, procura continuar lutando, *pari passu*, contra uma doença chata, cansativa, assustadora e que, na madrugada, nos deixa, muitas vezes, abandonados. Queríamos mais, mas não necessariamente melhor. São várias teorias científicas a mostrar essa migração da melhor idade. Talvez seja por isso que estejamos aqui em uma Casa dita política, mas, muito seguidamente, distante da realidade dos seus munícipes. Distante, portanto das oportunidades legais que tem para incidir, positivamente, na vida do cidadão que precisa. Assumo aqui, nesta tribuna, a criação de um movimento para além dos muros do Legislativo. A Comissão de Saúde da Câmara Municipal de Porto Alegre deverá abrigar, a partir de hoje, a meu pedido, um trabalho permanente para divulgação e fomentação das ações que Porto Alegre vai capitanear contra a doença de Parkinson: o que pode, o que não pode; o que deve, o que não deve; se há perigo de morte, se não há; se existem coisas mais modernas; se existe alguma esperança contra o tremor. Imaginem o tremor que se abate, no auge do meu trabalho cirúrgico, aos 72 anos; eu, com 64 ou 65 anos, quando começou a doença de Parkinson, que fez com que eu diminuísse e parasse de tocar piano e com que eu

abandonasse completamente a minha razão de ser na vida, depois da minha mulher e do meu filho e dos meus outros quatro filhos, que é a cirurgia. Nunca mais pude operar, a razão me levava a não operar mais. Eu ainda sou médico, mas e os outros que não são? Vocês sabem muito bem que, há poucos dias, entrou um grupo de advogados solicitando que retirassem a ajuda, ou melhor, que estendessem a ajuda que os parkinsonianos têm, de 25% sobre o salário que recebiam de aposentadoria, para contratar um cuidador, esses advogados fizeram um pedido para que todo aposentado tivesse direito aos mesmos 25% que o parkinsoniano tem para seu cuidador, o que é uma ignomínia, o que é um crime contra a saúde dos povos, o que é uma covardia, porque homens salubres, homens e mulheres saudáveis precisariam de um salário mínimo digno, condizente, mas não precisariam de um cuidador. E o que fazem os governos? Por isso disse que é uma ignomínia, porque sabem, mas não fazem o que o cidadão precisa. Retiram os 25% do seu salário de aposentadoria para contratar cuidador, uma vez que não conseguiram colocar para aposentados em geral. Aposentados em geral não precisam de 25% de ajuda, mas aidéticos, em estado final, precisam; pessoas paráliticas precisam; parkinsonistas precisam, mas aposentados em geral não precisam. Precisam de um salário mínimo digno, precisam de salário reconhecido pelo trabalho que fizeram e depois se aposentaram, principalmente os insalubres. Mas não confundam aposentadoria com doença. Querem que seja doença porque os estados são doentes e tratam mal seus aposentados, Presidente, tratam covardemente seus acidentados. Confundi com acidentados porque é um acidente a gente ser uma pessoa que trabalhou 40 anos e para de trabalhar depois.

Então, meus queridos, para encerrar, convido o que era para estar aqui junto conosco, mas não pôde, nem mandou representante, mas acredito nele, prefeito Marchezan, para que agregue mais valor a essa iniciativa, já que o Estado e a União estão querendo abandonar seus parkinsonistas, cortando 25%, que às vezes era a única ajuda que tinham, porque tem um salário blasfemo, porque um salário de menos de um salário mínimo é blasfemo como aposentadoria. É blasfêmia, é falar contra Deus, é falar contra o povo, é falar contra a saúde dos povos. É uma ignomínia! Mantenham os 25% dos aposentados! Eu talvez não precise tanto, porque minha mulher trabalha, meus filhos trabalham, meu filho está se preparando para trabalhar e já está trabalhando desde agora e pode me ajudar. E quem não os tem, Conceição? O que fazer, abandonar para resolver

um problema de economia que nem eles sabem resolver direito? Pena que essas cadeiras estão vazias neste momento, é um momento ermo de políticos no plenário; é um momento ermo de cidadãos, de brigões, de gritões e de apresentadores de faixas nestas cadeiras. Mas acredito que os senhores que estão aqui se condoerão com essa situação e nos ajudarão nesta caminhada, meu querido, tomara que teu partido ouça isso para te lançar na próxima, meu querido Presidente, meu querido procurador, meus queridos colegas que ainda restam aqui. A minha mulher diz que eu já estou falando demais, é que eu me emocionei, e, quando a gente se toma de emoção, a razão... Ainda bem que não foi por mal a minha grande fala. João Bosco Vaz, meu querido, nos ajude nesta luta do sofrimento dos parkinsonianos. Um beijo para todos vocês, meus queridos. Muito obrigado.

(Texto sem revisão final.)